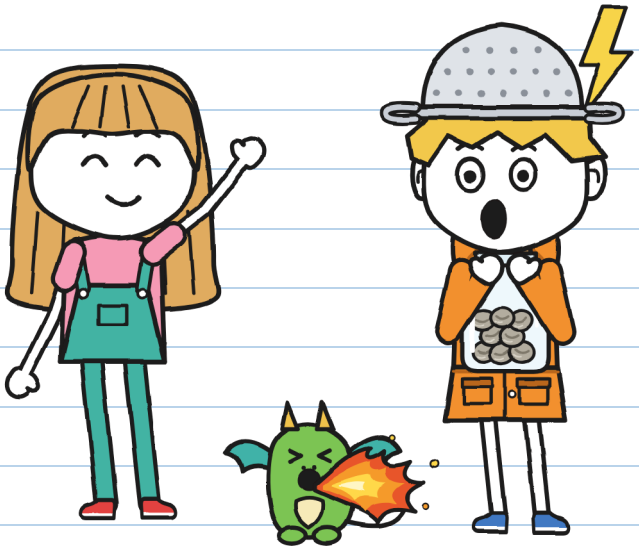
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO L
Nível avançado · 11+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

TAMANHO L · Nível avançado · 11+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Segundo livro da série. O primeiro: "Este pacote morde".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum trovão foi ferido durante a escrita deste livro. —].



E de mais ninguém. –J.

Se você encontrar, não abra antes do trovão.

SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: não faça isso. Se durar várias páginas, diz DESDE AQUI e ATÉ AQUI. Com tempestade de verdade, vale a página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Caçador de tempestades (mais ou menos). Este caderno é dele.



Júlia. Conta os segundos entre o relâmpago e o trovão. Escreve em verde e assina J.



Migalha. Filhote de dragão. Imita o Guto em tudo. Tudo.



Toninho. Entrega para a RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça.



Flora. Cuida das plantas na Rua do Canal, 9. Não assina pedras.



Vera. Cuida de dragões na Casa dos Dragões, ao lado da casa da Flora. A Migalha mora com ela.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.

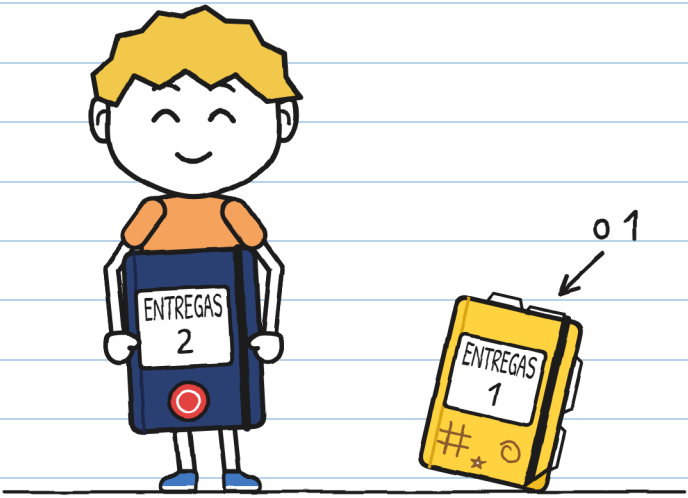


R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.

CADERNO DE ENTREGAS 2
do Guto

OFICIAL.

"Oficial" quer dizer que eu leio primeiro. Oficialmente. –].



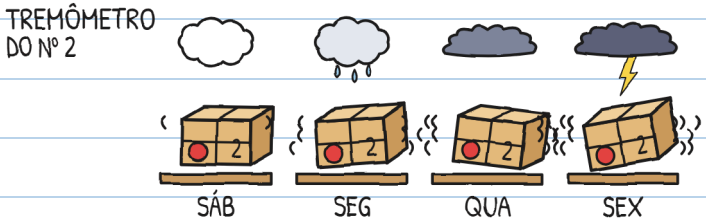
O caderno 1 acabou: está cheio. Quem me deu este foi a Mara, a dona da loja, com o carimbo da loja na capa. Ela diz que caderno oficial não é para rabiscar. Vamos ver.

CAPÍTULO 1

Caçador de tempestades

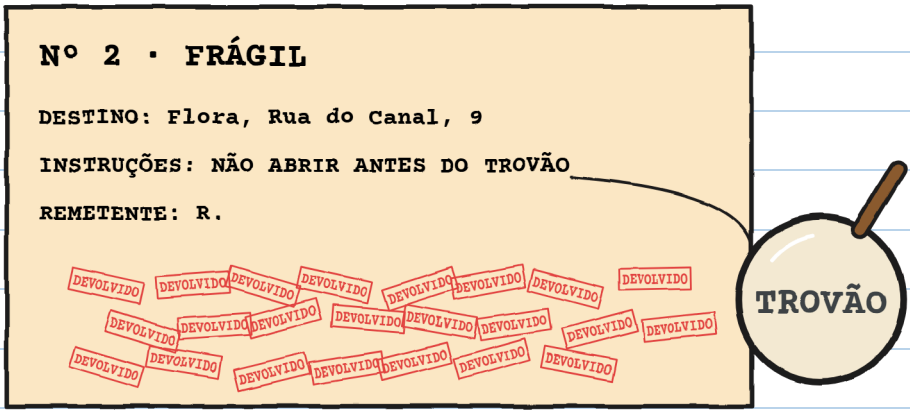
Na loja da Mara tem um pacote que treme. Está assim desde o sábado passado, a cada dia um pouco mais.
Decidi não tocar nele.
O último que a Júlia e eu entregamos era um ovo; agora é um filhote de dragão chamado Migalha, que me imita em tudo.

Na loja em frente à minha casa, restam dezenove devolvidos. E um deles parece ter cansado de esperar.



Não treme de medo: treme porque vem uma tempestade. No sábado, às seis da tarde. Já olhei seis vezes na previsão do tempo. —].

Os devolvidos são pacotes que sempre voltam: se quem os recebe não assina a etiqueta com tinta que não apaga (como a da canetinha verde da Júlia), ao amanhecer eles voltam voando para a estante. A mesma pessoa manda todos: R.



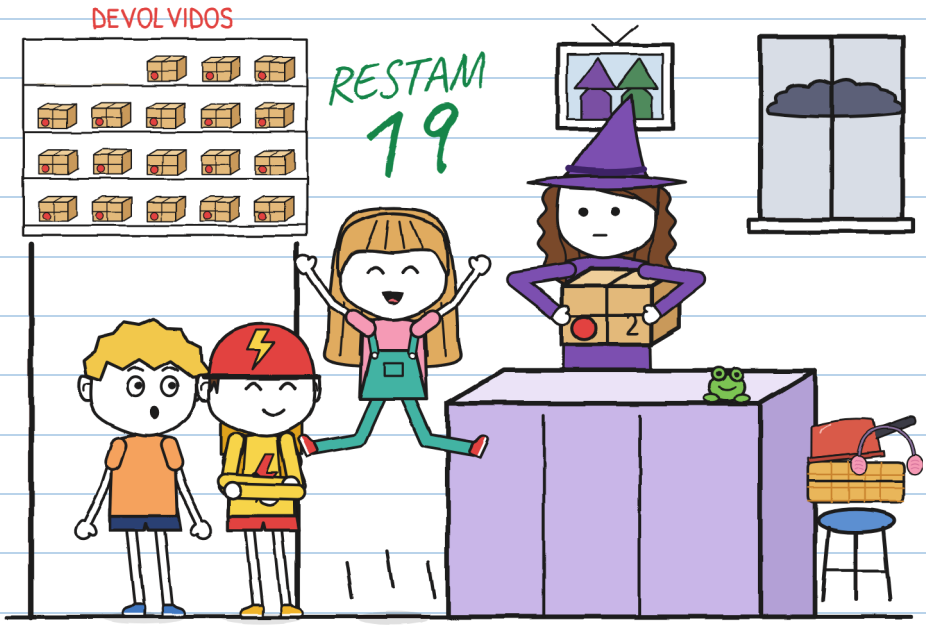
O nº 2 tinha vinte e três carimbos de DEVOLVIDO.

Vinte e três. Contei duas vezes. –J.

– Eu mesma levei esse pacote vinte e três vezes – disse Mara. – E nenhuma com tempestade.

No sábado, às dez, Mara nos esperava no balcão com o nº 2 nas mãos. Toninho estava lá: aos sábados nós três ficamos de castigo na loja, por termos entregado o nº 1 sem permissão.

— Este — disse Mara — vocês vão entregar. Hoje à tarde.



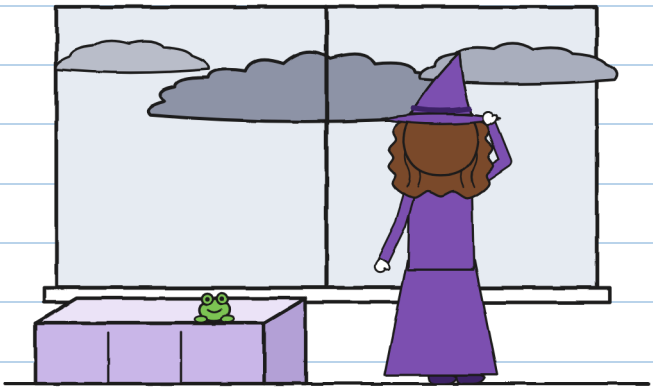
Júlia deu um pulo tão grande que quase tocou o cartaz de RESTAM 19.

Mara impôs três condições, contando nos dedos:

1. Vocês saem às cinco, antes que a tempestade chegue, e ficam na casa da Flora até ela passar.
2. As famílias de vocês já sabem, e a Flora também.
3. A regra é a da etiqueta: não se abre antes do trovão. E tem que ser o trovão que estoura em cima da gente: os de longe não valem.

— E você não vem? — perguntou Júlia.

— Tenho coisas para fazer aqui — disse Mara, e olhou pela vitrine o céu, que estava ficando cinza.



Que coisas? —].

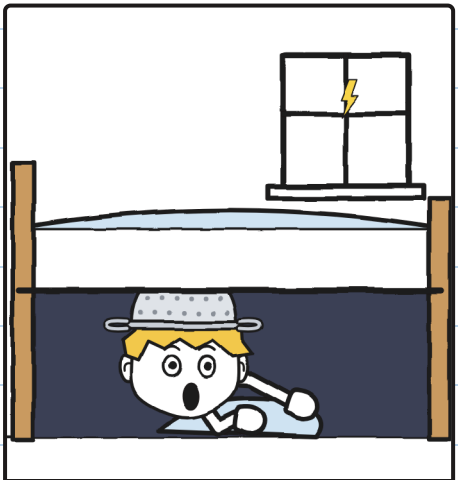
Então Júlia olhou para mim.
— E você? Gosta de tempestades?

E eu disse o que se diz quando alguém olha assim:

— Adoro. No bairro antigo, eu era caçador de tempestades profissional.



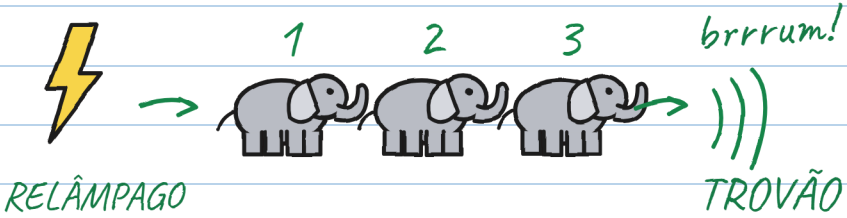
O que eu disse



O que aconteceu de verdade

Profissional de debaixo da cama. —].

Júlia me ensinou a contar uma tempestade. No meu caderno, sem pedir permissão, como sempre:



um elefante, dois elefantes, três elefantes...

1 elefante = 1 segundo

3 elefantes = 1 quilômetro (mais ou menos)

0 elefantes = EM CIMA!

↖ Esse é o trovão da etiqueta.
Os de longe não abrem o pacote.

Mais elefantes: esse raio caiu mais longe.

Se ouvir um trovão, mesmo longe: procure abrigo!

O que a gente sabe dá menos medo. –].

Eu não precisava contar nada, porque eu adoro tempestades. Mas anotei, por via das dúvidas.

Toninho leu a etiqueta por cima do meu ombro e nos mostrou a letra miúda da mochila.

— A RAIO não entrega com tempestade.

— Ainda não tem tempestade — observou Júlia.

Toninho conferiu a letra miúda. De "ainda" não dizia nada. E foi com a gente.



Letra miúda, desculpa grande. –J.

Às cinco, fui até a minha casa buscar a capa de chuva.

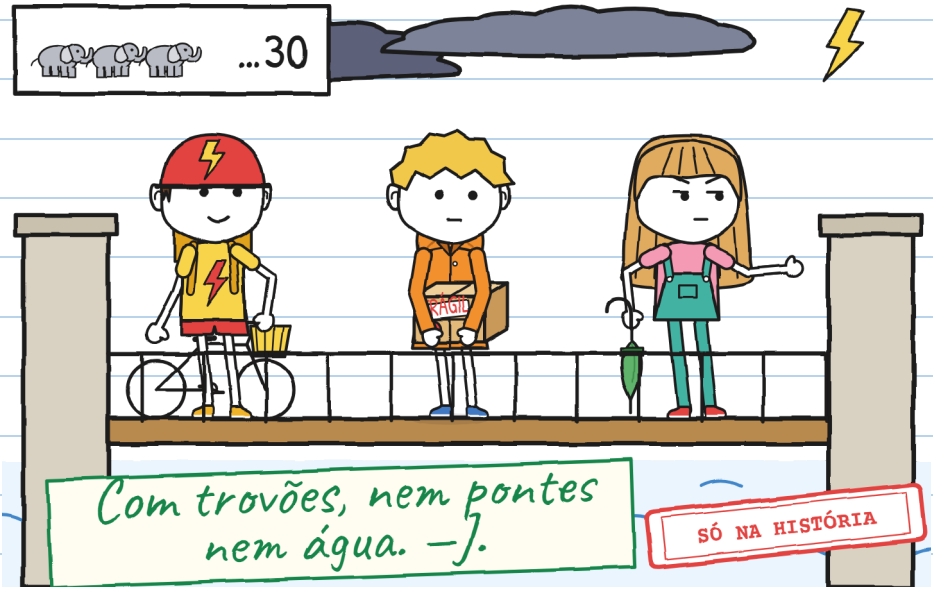
— Coloca a capa laranja — disse minha mãe, da porta.

— Quer mesmo ir? Se você, quando troveja...

— TCHAU, MÃE!

"Se você, quando troveja..." O QUÊ? –J.

Atravessamos a Ponte Grande, que de noite levantam para os barcos passarem, com o céu cada vez mais preto. No meio dela, Júlia cumprimentou a água com a mão, muito séria: o canal e ela não se dão bem.



Muito longe, o céu se acendeu. Júlia contou trinta elefantes antes de ouvir qualquer coisa.

Brrrum.

– Esse raio caiu a uns dez quilômetros – disse. – A previsão anuncia a tempestade para as seis.

– Foi um trovão! – disse Toninho. – Já pode abrir?

— Esse não abre o pacote — disse Júlia. — O da etiqueta é o que soa junto com o relâmpago, zero elefantes. Mas já se ouve, e isso basta: procurem abrigo!
Corremos até a Rua do Canal. Eu fiz de conta que não tinha ouvido trovão nenhum.

— Isso foi um hic? — perguntou Júlia.
— Não — eu disse. — Hic!



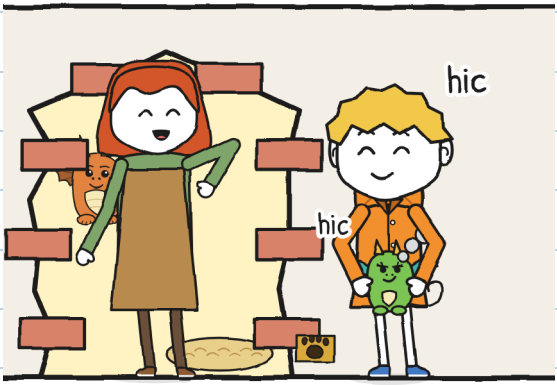
Isso acontece comigo desde pequeno, mas só com trovão: a cada trovão me vem uma série de soluços, um a cada três segundos, e com a tempestade em cima eu não paro. Não é medo. É uma coisa que meu corpo faz sem me consultar.

Isso se chama medo. —J.

Vera já nos esperava na porta da Casa dos Dragões, colada à da Flora, com a Migalha nos braços: aos sábados, a Migalha passeia comigo.

— Só até a casa da Flora: é a primeira tempestade dela — disse Vera, e me passou a pequena. — Ela imita tudo o que você faz, Guto. Até o que você sente. Se ela se assustar, não puxe: ela se agarra. Passada a tempestade, três batidas no muro e eu venho buscar.

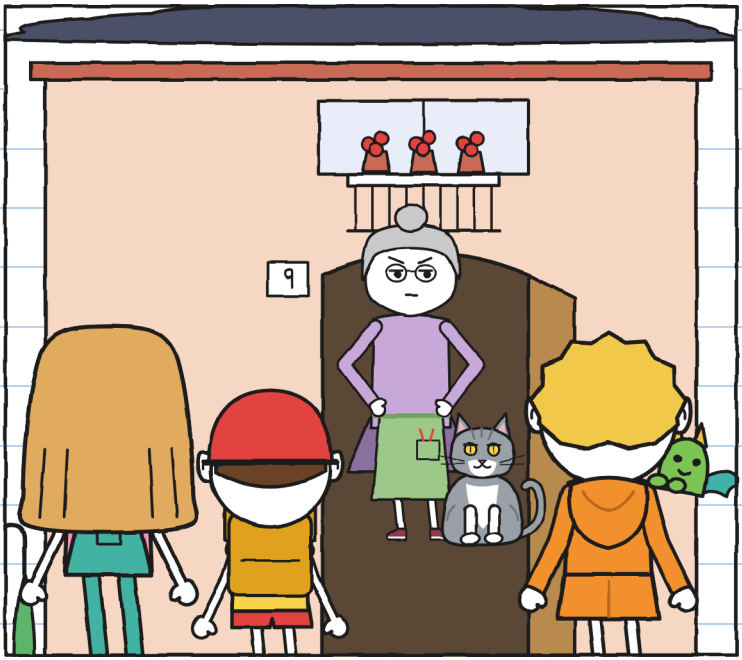
— Eu não sinto nada — eu disse. — Eu adoro tempestades.



Longe, trovejou. Eu fiz hic. A Migalha fez hic, e saiu fumaça do nariz dela.

— Para dentro, já — disse Vera.

A casa da Flora é a dos gerânios: a da varanda de onde uma senhora nos observava, há dois sábados, quando a gente procurava a porta da Casa dos Dragões. Aquela porta parece uma parede.



Flora abriu a porta antes que a gente batesse. Olhou a caixa. Olhou o céu. Olhou a Migalha.

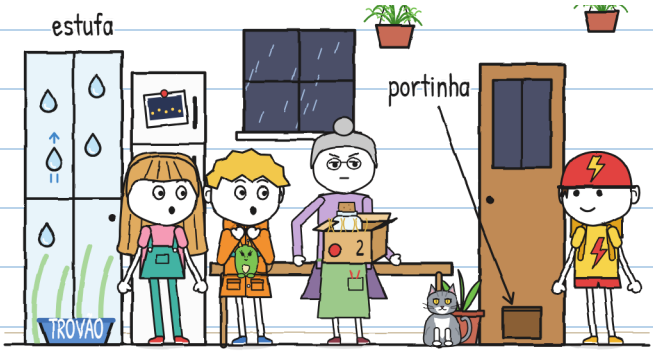
— A pequena da Vera. Que não chamusque as minhas samambaias — disse. — Entrem, que vem chuva. Mas já aviso: eu não assino pedras.

CAPÍTULO 2

Trovão!

A cozinha da Flora está cheia de plantas: na mesa, no chão, no teto. Ao fundo, uma porta de vidro dá para a estufa; outra, com portinha de gato, para o quintal. Toninho pôs a bicicleta no corredor por causa da chuva. No vidro da estufa havia umas gotas pintadas. Uma subiu até a moldura. A seguinte a ultrapassou.

— Vidros encantados de R. — disse Flora. — Deixam passar a chuva quando eu quero. Os raios, nunca.

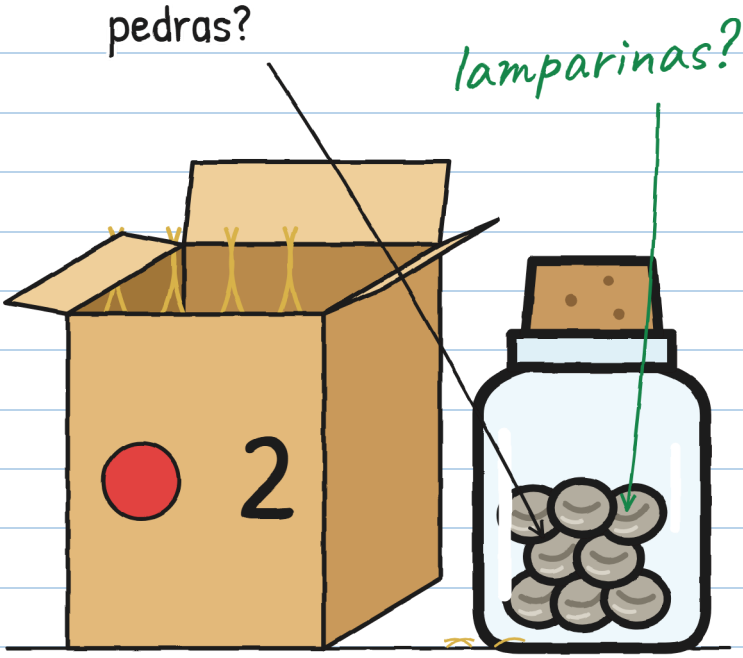


Olhei a caixa do nº 2. Pelo visto, R. sabia, sim, entregar algumas coisas.

Flora pôs a caixa na mesa e a abriu sem perguntar. Dentro, no meio de palha, havia um frasco de vidro com oito bolinhas cinza.

— Diz que não se abre antes do trovão! — gritou Júlia.

— Abri a caixa, não o frasco — disse Flora. — O que tem dentro eu já sei: R. me prometeu lamparinas e me manda pedras.



— O que é uma lamparina? — perguntei.

Flora tirou da geladeira uma foto antiga: o calçadão do canal, de noite, com uma fileira de luzinhas na margem.



— São plantas que guardam a luz dos relâmpagos — disse Flora. — De noite, elas a devolvem.
— E era R. quem plantava?
— Trazia as sementes já acordadas; eu punha a terra. Nunca vi nenhuma dormindo.
— E as lamparinas?
— Foram se apagando uma a uma. R. parou de vir. Agora manda isto.

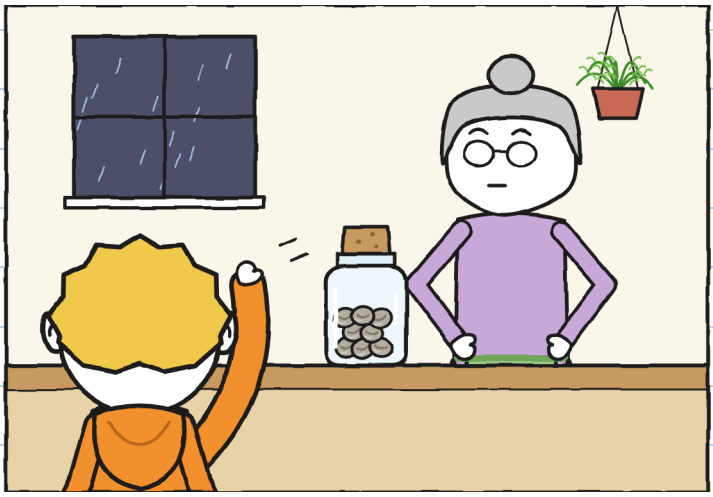
Por isso o canal, de noite, é tão escuro. Por isso a passarela, aquela tábua que o atravessa, dá tanto medo.

Dava. A mim, muito: atravessei no escuro. —J.

— R. sempre cumpre — disse Flora. — Tarde, mas cumpre. Com isto, não: vinte e três vezes me trouxeram este frasco, e vinte e três vezes, pedras.

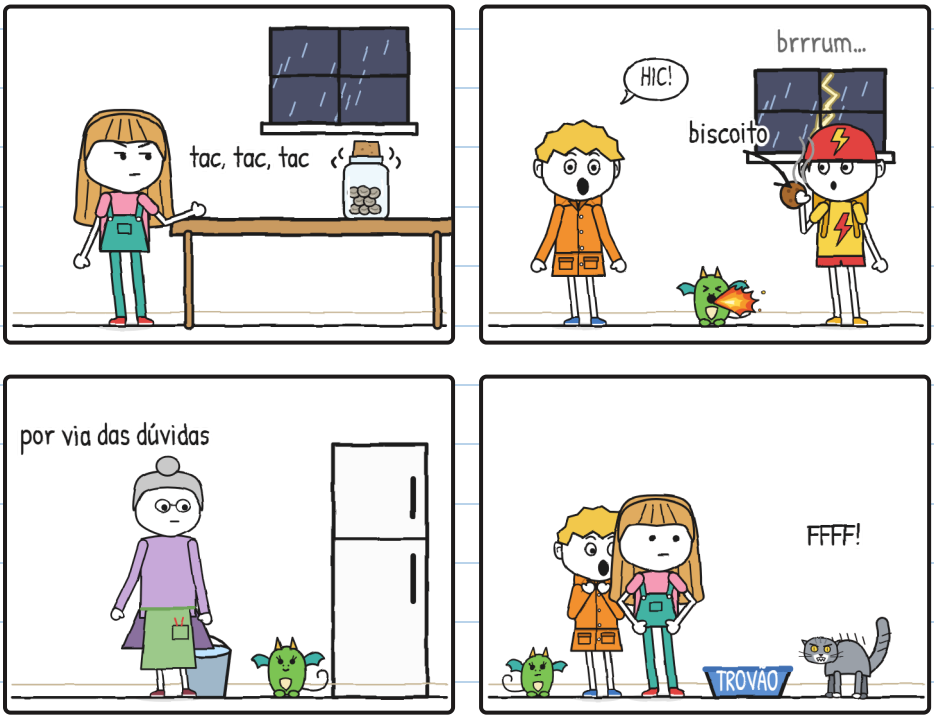
Pensei na etiqueta. Eu sabia de cor, instruções inclusive.
— E a senhora alguma vez esperou o trovão para abrir? — perguntei.

Flora me olhou como se eu tivesse perguntado se a água molha.
— Eu não espero ninguém — disse. — Nem um trovão.



O gato da Flora se chama Trovão: o nome dele está escrito na tigela. É cinza como uma nuvem e ronrona como um trovão de verdade.

Enquanto esperávamos a tempestade, na cozinha aconteceu de tudo e não aconteceu nada:



O pior de um trovão é esperar por ele. –].

O frasco tilintava na mesa, cada vez mais forte. Júlia contava em voz baixa: "Doze elefantes". "Nove". Debaixo da mesa, o pé dela fazia outra contagem.

— Você vai fazer um buraco no chão — eu disse.
— Estou contando.
— Então avisa o seu pé. Ele está adiantado.
A Migalha soltou outra chaminha, e o Trovão saiu disparado pela portinha de gato, para o quintal. Flora abriu a porta dos fundos e o chamou aos gritos:
— TROVÃÃÃO!



E a Júlia abriu o frasco.



— Foi um trovão! — disse.

Não tinha sido um trovão. Tinha sido a Flora gritando. Trovão é o gato.

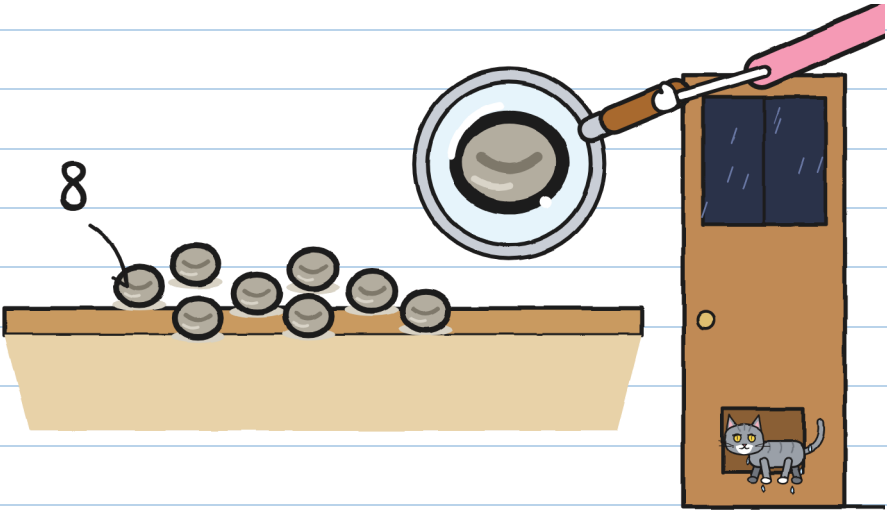
Ouvi "TROVÃO!", exatamente o que eu estava esperando. Ninguém me disse que era um gato. —J.

Anotei isso na página 17.

Essa página eu li depois. —J.

Depois de aberto, o frasco parou de tilintar. Dentro havia só oito bolinhas cinza, frias e quietas. Júlia as despejou na mesa para olhar com a lupa.

— Têm um risquinho — disse. — Como um olho fechado.



O Trovão voltou sozinho pela portinha de gato, encharcado, e Flora fechou a porta.

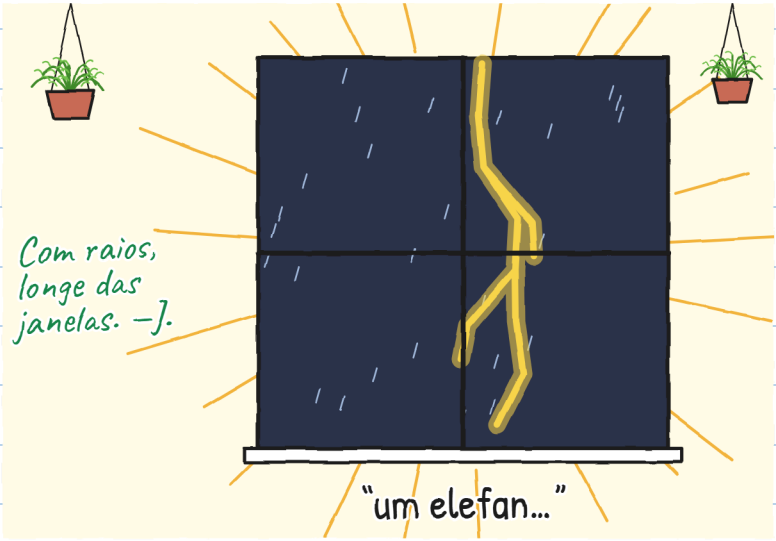
— Pedras. Como sempre — disse, e olhou para a Júlia.

Júlia ficou da cor da camiseta dela.

— Elas estão dormindo — eu disse. — Não são pedras: são sementes. Por isso está escrito "não abrir antes do trovão". Vai ver um trovão as acorda. Um bem forte, desses que fazem os vidros tremer.

Flora ficou calada. Depois disse:
— Se são sementes, que provem.

Lá fora já era quase noite, e eram só seis horas. Relâmpago. Júlia começou a contar:



E então chegou o de verdade.



O trovão chegou junto com o relâmpago: a tempestade estava em cima. A mesa, os copos e os vidros tremeram.

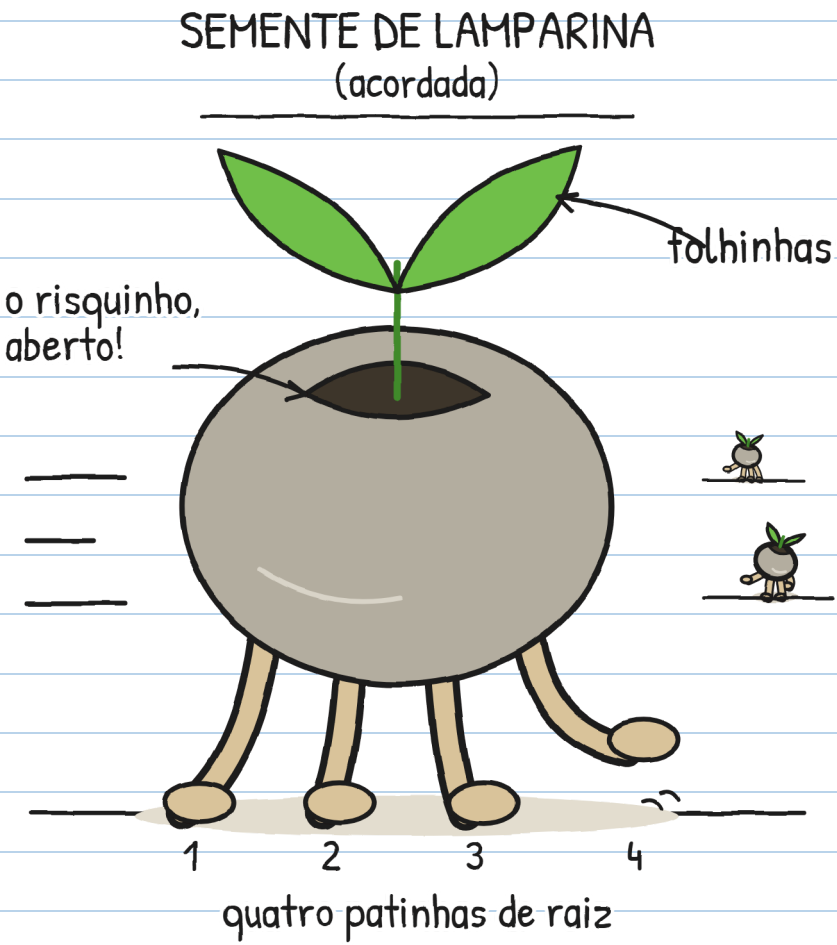
E a luz acabou.



Fiz hic. A Migalha fez hic e soltou uma labareda.
Por um segundo, deu para ver a cozinha toda.

A mesa estava vazia.





As pedras tinham patas.

E pressa. –].

CAPÍTULO 3

Se mexem se você não olha

No escuro se ouvia um barulho de chuva miudinha: tic, tic, tic. Quando relampejou de novo, as sementes estavam mais longe. E quietas. Bem quietas. Como se não tivessem feito nada.

Elas corriam rápido, mas cada relâmpago as parava, e havia muitos relâmpagos. Eu as via de baixo da mesa. Eu tinha posto na cabeça o escorredor de macarrão da Flora, que ficava pendurado num prego: em casa, quando troveja, eu ponho um.



É batatinha frita, 1, 2, 3. Com sementes. —J.

Flora apontou a lanterna para uma semente. A semente ficou grudada no chão. Quando apontou para outra, a primeira aproveitou para fugir.

— São sementes! Estão acordadas! — gritou Flora.



Pela primeira vez, ela parecia encantada de ver algo correndo pela cozinha dela.

— Precisamos de outra lanterna — eu disse.

— Então vai pensando em outra solução. Só tenho esta.

Oito sementes e uma lanterna. A segunda semente também fugiu.

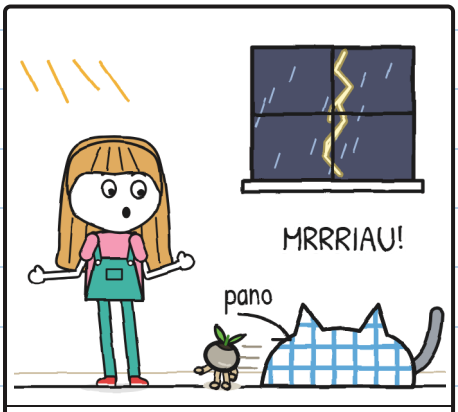
Todas iam para a portinha.

— Procuram terra molhada de tempestade — disse Flora, e pôs na frente um vaso enorme. — Aqui só tem terra de torneira, até na estufa, e essa não serve. Lá fora quase não tem: lajotas, um caminhozinho e o canal. Se saírem, a chuva as leva à água.

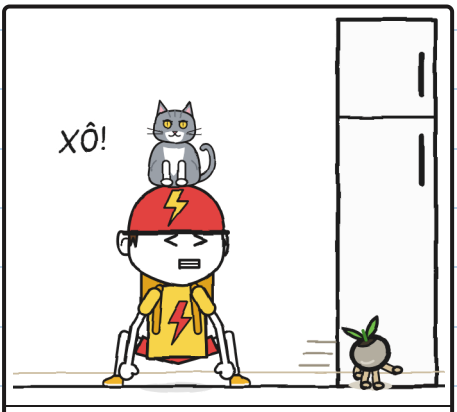


A portinha ficou tapada. Mas agora elas estavam por toda a cozinha, no escuro, e numa cozinha há cem lugares para se esconder.

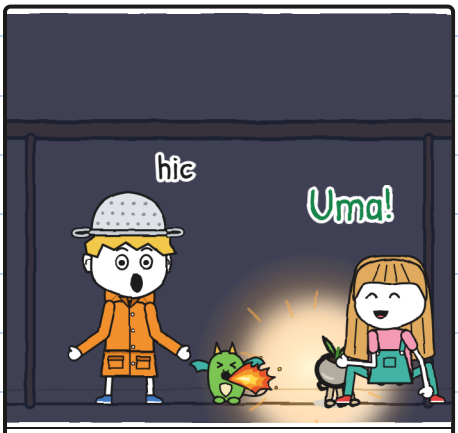
Tentamos de tudo:



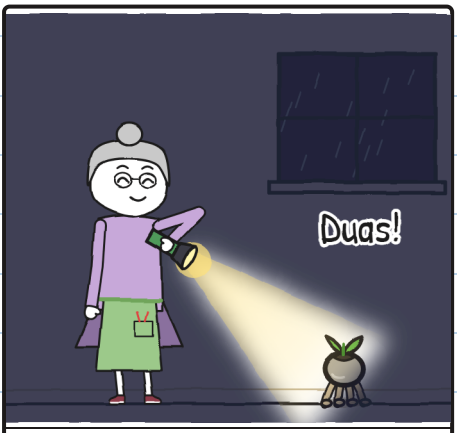
Júlia, com um pano: pegou o Trovão.



Toninho, com as mãos: o Trovão pegou ele.



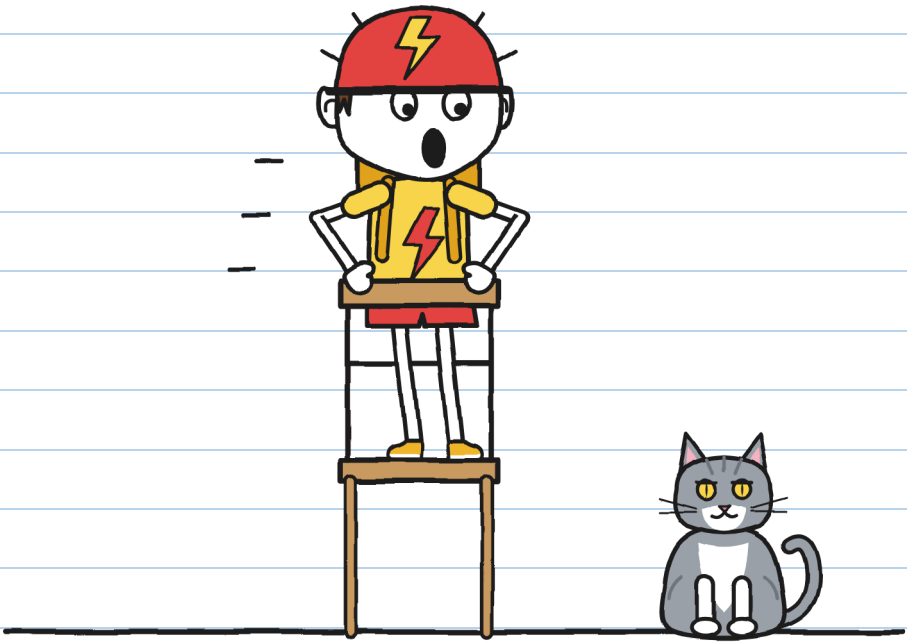
Migalha, com a chama: uma!



Flora, com a lanterna: duas!

O Trovão também as perseguia. Ele enxerga quase no escuro. Nós, não.

Toninho não tem medo de tempestade. Toninho tem medo de gato.



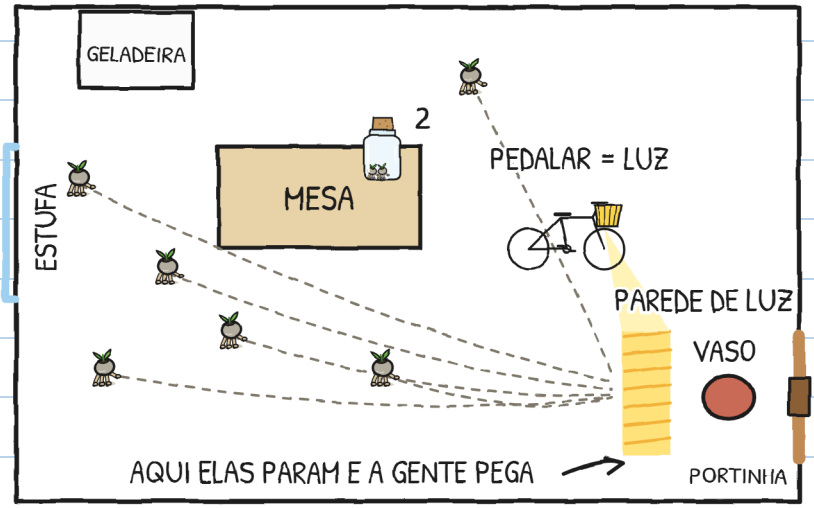
— Não é um gato! — disse Júlia. — É o Trovão!

— PIOR!

Dois sustos e um nome só. —].

Eu continuava debaixo da mesa, de escorredor na cabeça. A cada relâmpago eu via o chão inteiro e reparei numa coisa: as sementes davam voltas, mas sempre voltavam para empurrar o vaso da portinha.

Não era preciso correr atrás: sabíamos aonde iriam.



Fiz um mapa.

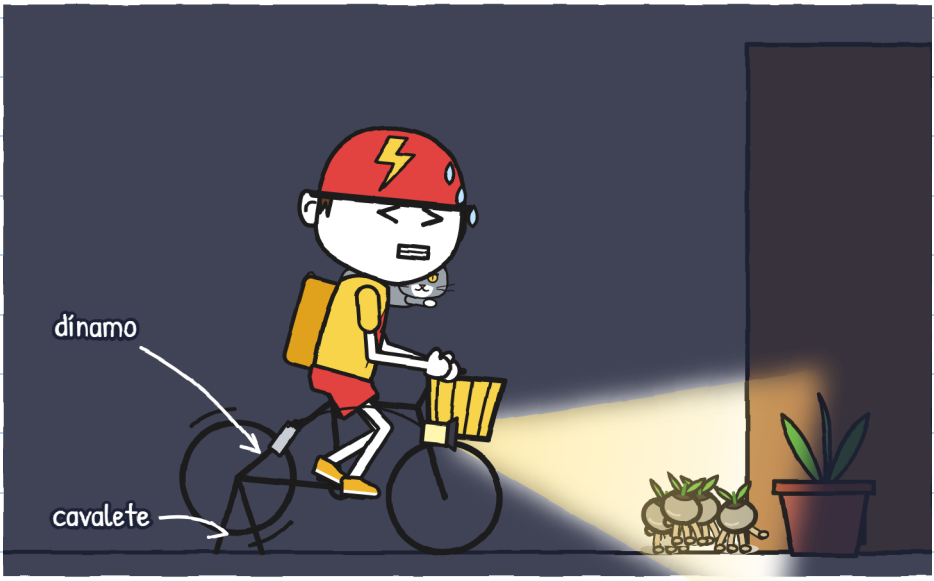
— Toninho, seu farol acende quando você pedala?

— Claro.

— Então hoje você vai entregar luz.

Pusemos a bicicleta no cavalete, com o farol virado para a portinha. O dínamo da RAIO fica na roda de trás: se ela gira, tem luz. E Toninho pedalou.

Pedalou como nunca tinha pedalado. Principalmente quando o Trovão subiu em cima dele.



Enfim, a RAIO serve para algo. –J.

As sementes chegavam à luz e ficavam quietas, na ponta dos pés, como pegas no flagra. Nós íamos colocando cada uma no frasco. Três. Quatro.

O Trovão pegou outra com a boca, e Flora a tirou dele com dois dedos.
— Cinco! — disse.



Seis.

Flora tampou o frasco, para nenhuma escapar, e se abaixou para nos ajudar. Então o Trovão pulou na mesa e derrubou o frasco.



Toninho pegou o frasco no ar, antes de tocar o chão.
— RAIO — disse. — Em um segundo ou de graça.

Mas ele tinha parado de pedalar, e a luz se apagou. E o Trovão ninguém segura: saiu disparado para a portinha.

No escuro: tic, tic, tic. O Trovão empurrou o vaso: croc. E a portinha fez clac.

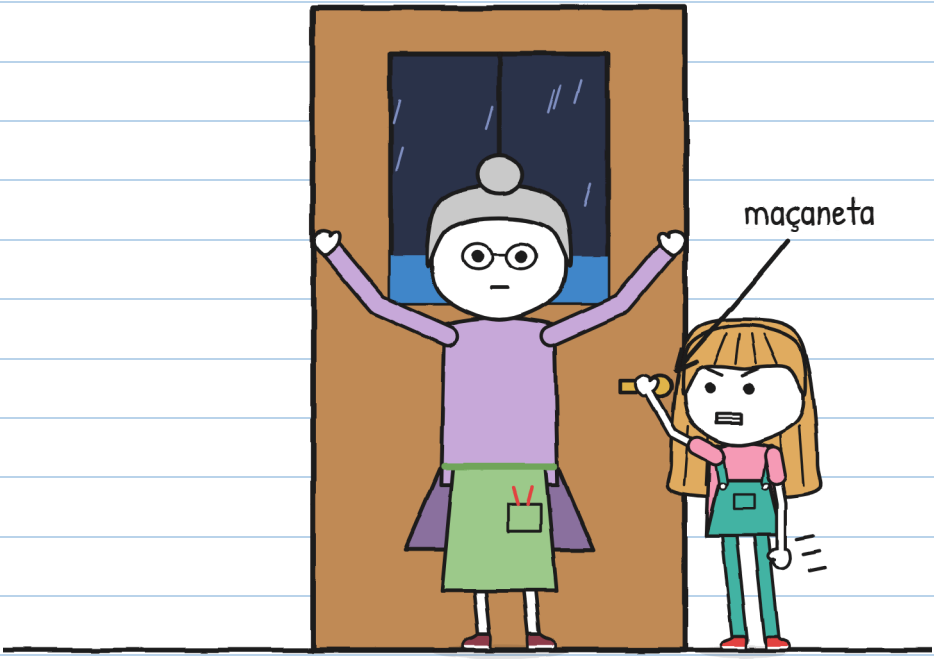
Quando relampejou outra vez, restava no chão uma única semente, e Júlia a pegou. Sete.



A oitava tinha saído pela portinha.

— Vou atrás dela! — disse Júlia, com a mão já na maçaneta.

— Com raios, desta casa não sai ninguém — disse Flora, e se pôs na frente da porta. Não estava para discussões.



Júlia não discutiu. Mas também não soltou a maçaneta. Pouco depois, a portinha fez clac. Era o Trovão, encharcado. Sem a oitava.

— Relâmpago... um elefante, dois elefantes.
Brrrum.
— Dois — contou Júlia. — Continua muito perto.

— Então agora, vamos plantar — disse Flora. — Antes que a tempestade vá embora. E no escuro.
— Com raios? — perguntou Júlia.
Flora conferiu as gotas que subiam pelo vidro.
— O encantamento continua valendo. Os raios ficam do lado de fora. Nós, do lado de dentro.



Depois repetiu "No escuro", olhando para a Migalha.

A Migalha olhou para mim. E fez hic.

CAPÍTULO 4

Hic

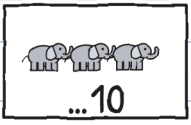
Flora nos explicou como se planta uma lamparina, do jeito que R. tinha ensinado a ela. Anotei com letra de caderno oficial:

COMO SE PLANTA UMA LAMPARINA

1. 
Terra molhada de tempestade.
(A da torneira não vale.)

2. 
Abrir o frasco sobre a terra.
(Se abrir antes, elas fogem.)

3. 
Tudo no escuro: elas sozinhas se enfiam na terra.
(Se você enterrar, elas não brotam.)

4. 

Antes que a tempestade vá embora:
com mais de dez elefantes,
só se plantam na próxima.

Para acordar as sementes, zero elefantes. Para plantar, até dez. Com onze, de volta a dormir. —].

Flora girou a manivela do teto. A janela não se abriu: foram as gotas pintadas que pararam de subir e começaram a descer pelo vidro.

A chuva atravessou o vidro como se ele não existisse e caiu na bancada, uma mesa comprida cheia de terra.

— Tudo na bancada. Nem uma gota no chão — ordenou Flora à chuva.



Esses vidros só existem na história. Numa tempestade de verdade, nada de estufas (página 76). —].

— Terra molhada de tempestade — disse. — Agora, tudo no escuro.

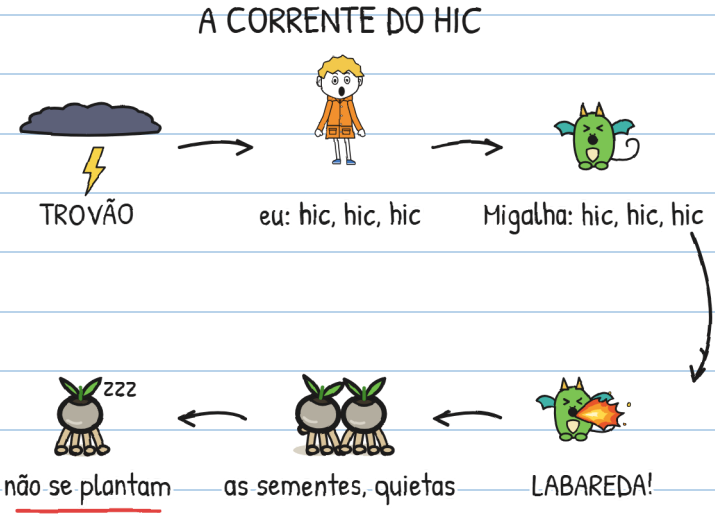
Mas a Migalha já estava lá dentro: tinha se enfiado entre os pés da Flora, ao abrir a porta, sem ninguém ver. Estava embaixo da bancada, entre os vasos.

Flora a puxou com cuidado. A Migalha se agarrou aos vasos com as quatro patas. Vera tinha avisado.



E cada vez que eu fazia hic na cozinha, na estufa a Migalha se acendia.

Desenhei para entender:



Na cozinha, o hic nos ajudava: uma labareda, uma semente quieta, uma semente no frasco. Na estufa, nos afundava: com uma labareda a cada três segundos, nunca ficava escuro o tempo que elas precisam para se enfiar na terra.

Tem que quebrar a corrente. O elo mais fácil é você. Com carinho. –J.

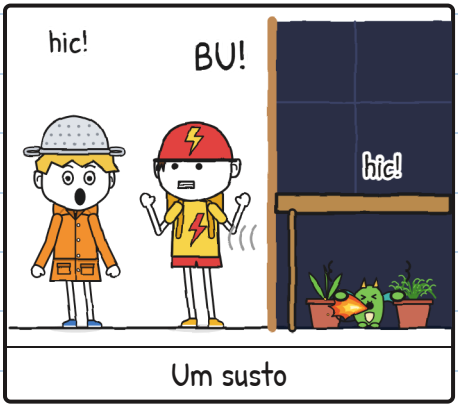
Experimentamos todos os remédios para o soluço:



Segurar a respiração



Água ao contrário



Um susto



Açúcar

A Migalha imitou todos, um por um, sem se soltar dos vasos.

Remédios: zero. Soluços: muitos. –J.

— Quatro elefantes. Cinco.

O trovão soou. Júlia disse que aquele raio tinha caído mais longe.

As sete sementes davam voltas dentro do frasco, procurando a saída. Eu continuava fazendo hic.



— E se a gente chegar a onze? — perguntei.

Júlia olhou as patinhas coladas no vidro.

— Pedras de novo.

Depois olhou para mim.

— A Migalha imita o seu medo — disse Júlia.

— Podia imitar outra coisa — eu disse.

Fiz hic e, embaixo da bancada, uma labareda se acendeu.

A Migalha não parecia disposta a mudar de ideia.

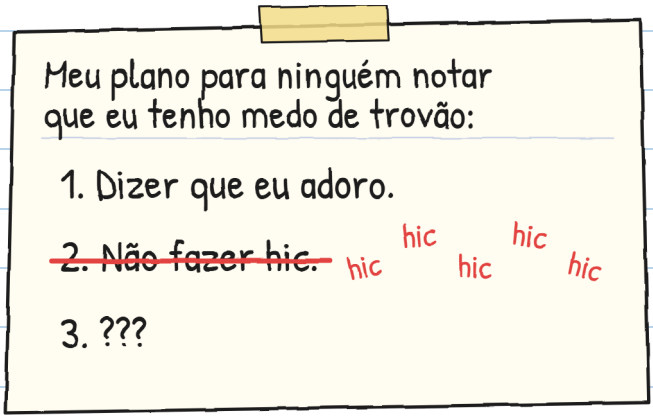
— E se a gente a tirasse de lá? — perguntei.

— Ela se agarra. Você já viu.

Júlia baixou a voz.

— Primeiro, fica com ela.

Eu não tinha remédio para o medo. Tinha um plano para ninguém notar, e ele tinha deixado de funcionar:



E o 3? —].

Eu tentei. De verdade.



Um pé dentro.



Um trovão.



E de novo na cozinha.

A estufa é o lugar onde mais se ouvem os trovões em todo o bairro.

Da porta, olhei para cima, pelo teto de vidro. E entre um relâmpago e outro, eu os vi, bem acima do telhado: os dragões da Vera, voando dentro da tempestade. Eles saem para voar quando ninguém olha para cima. Por isso a Vera não veio com a gente: com tempestade, ela fica de olho neles.



Eles não faziam hic.

— Vamos, caçador — disse Toninho.

Esperei que ele risse. Não riu.

Tirei o escorredor e dei para a Flora, que o segurou pelas alças como se fosse um capacete de verdade.



E entrei.

Um escorredor não detém um raio. O medo, às vezes. —].

Lá dentro, a chuva soava como mil dedos tamborilando. Entrei de gatinhas embaixo da bancada. A Migalha estava lá, feita uma bola, tremendo como eu.



BRRRUM! Fiz hic. A Migalha fez hic. A labareda iluminou nós dois.

Éramos dois caçadores de tempestades embaixo de uma bancada.

Então, da porta, a Júlia falou baixinho, sem rir:



— Conta comigo.

CAPÍTULO 5

Conta comigo

E contamos. Ela, da porta, e eu embaixo da bancada, com a Migalha tremendo contra a minha capa de chuva.

Relâmpago.

— Um elefante. Dois elefantes. Três. Quatro. Cinco. Seis.

Brrrum.

— Seis: uns dois quilômetros — disse Júlia. — Esse raio caiu mais longe. Continuamos abrigados.



Eu tinha contado os seis elefantes e o medo continuava comigo.

Dizer duas vezes que eu adorava tempestades não tinha funcionado. A Migalha não imitava o que eu dizia: imitava o que acontecia comigo.
Ela olhou para mim. Dessa vez, não procurei desculpa.

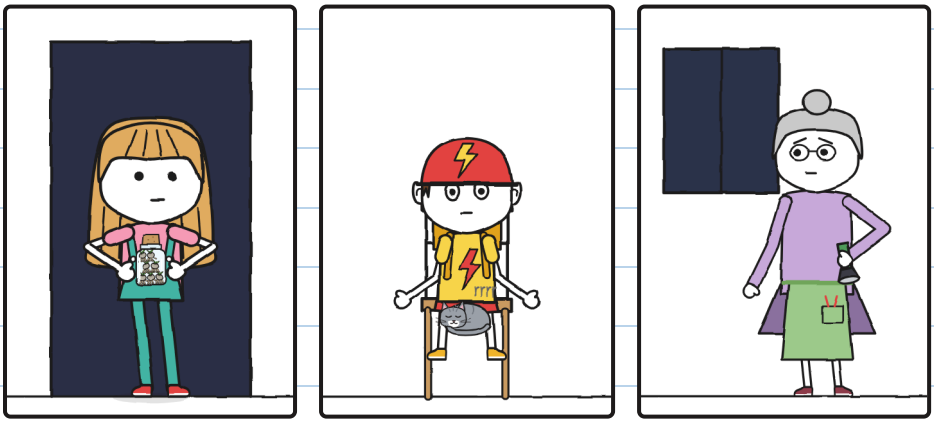


— Tenho medo de trovão.

— Eu sei — disse Júlia. — Você desenhou hoje de manhã, na página 6. Estava esperando você.

— Eu tenho medo de gato — disse Toninho, com o Trovão dormindo no colo e sem coragem de se mexer.

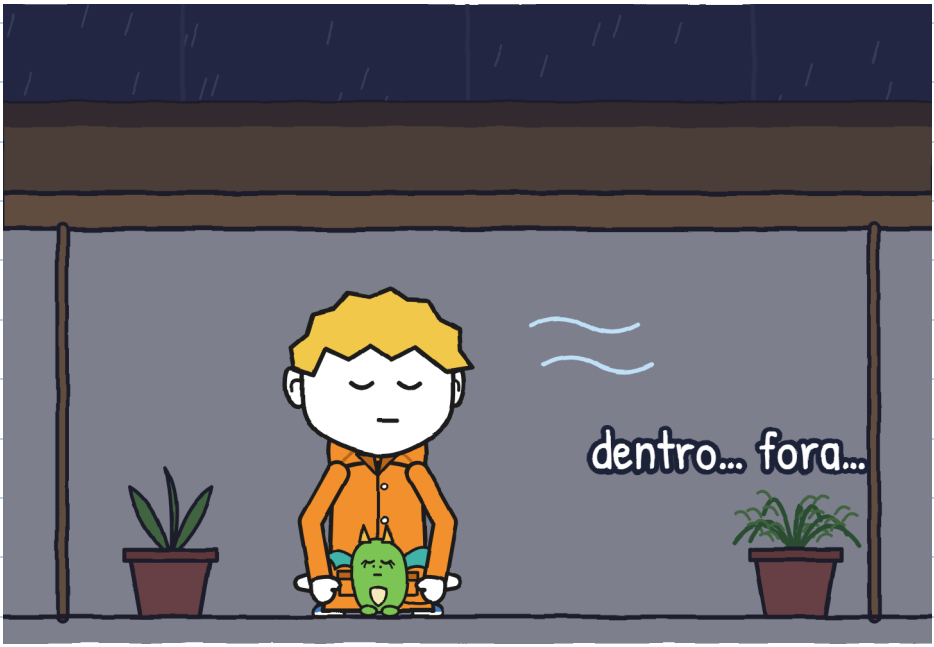
— E eu, de esperar o que não chega — disse Flora.
— Por isso, antes, eu abria o frasco assim que chegava.



E eu, das passarelas. Isso vocês já sabiam. —J.

Ninguém riu. Continuava chovendo do mesmo jeito, mas embaixo da bancada eu já não estava sozinho.

Respirei devagar. A Migalha respirou devagar.



Relâmpago. Contamos juntos até nove. Brrrum.

E não fiz hic. Nem nesse trovão nem no seguinte.

— Agora! — sussurrou Flora.

Júlia entrou na ponta dos pés, no escuro, pôs o frasco em cima da terra molhada e o destampou. Depois voltou para a porta sem fazer barulho.

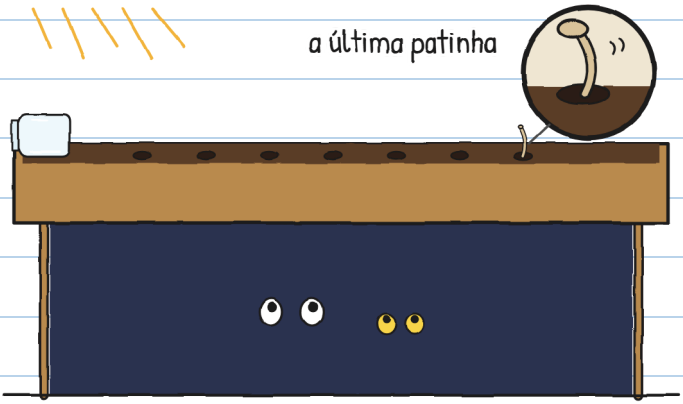


Tic, tic, tic. No escuro, algo saía do frasco.

Relâmpago, bem longe. Contamos sem voz, só com os lábios, até dez elefantes. Brrrum.

Dez: o último que valia.

Com o relâmpago seguinte, vimos:



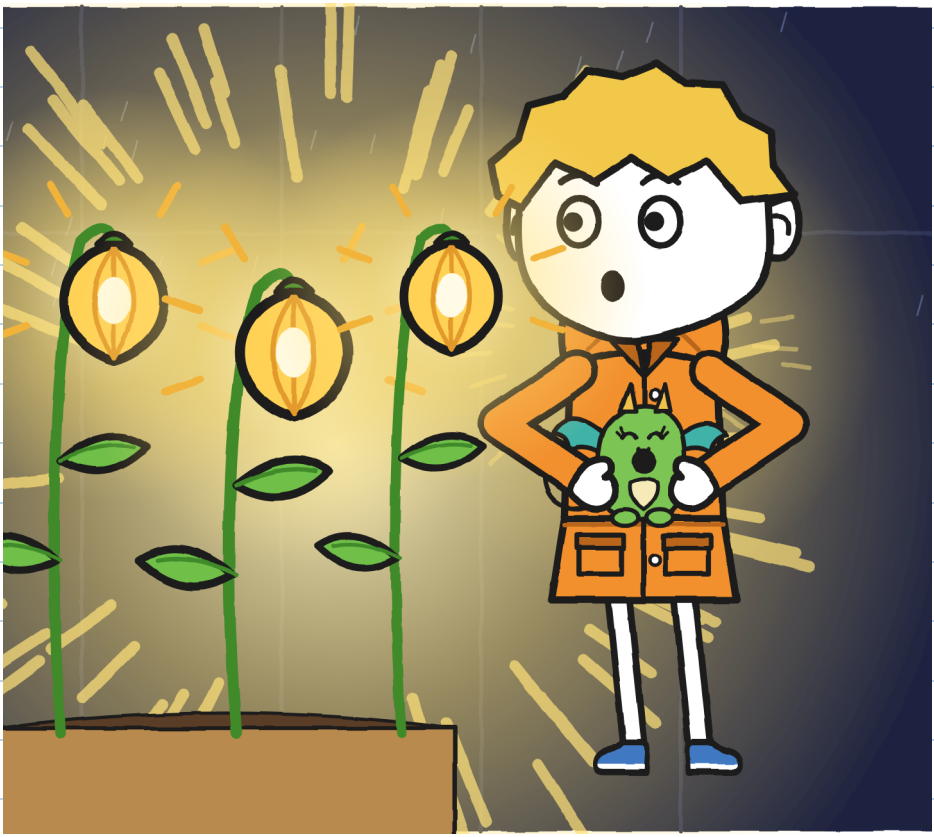
O frasco estava vazio. Na terra havia sete buraquinhos, e no último ainda aparecia uma patinha.

Depois, um tempinho de nada. Só nós, no escuro, olhando uma bancada de terra.

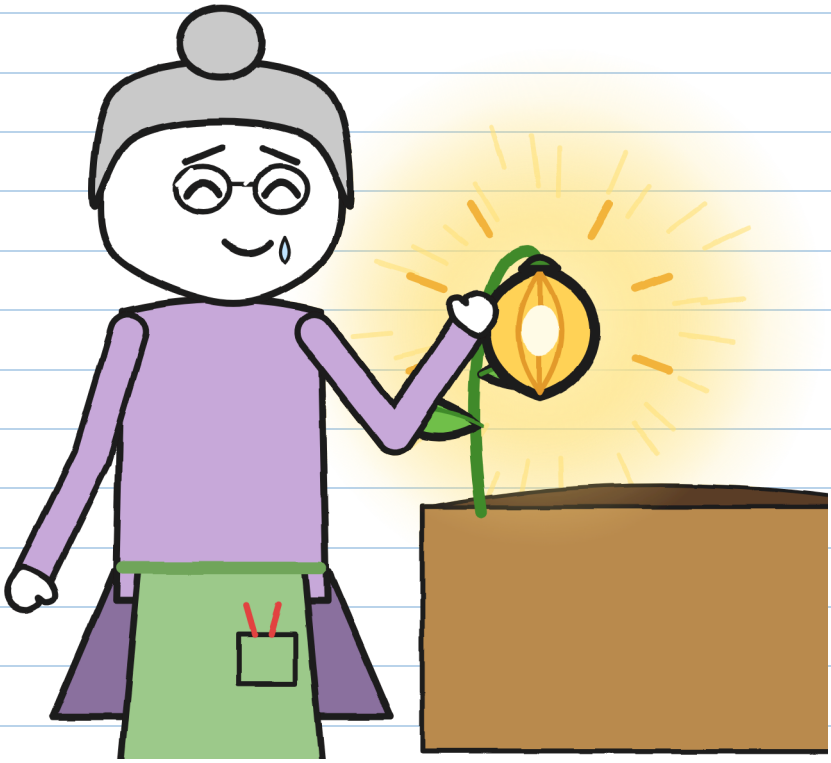
E então a primeira se acendeu.


Sete lamparinas. Cada uma com um pedacinho de relâmpago dentro.

A Migalha não fez hic. Olhava as lamparinas de boca aberta, igualzinho a mim, e entendi que ela já não imitava o meu medo. Imitava isto.



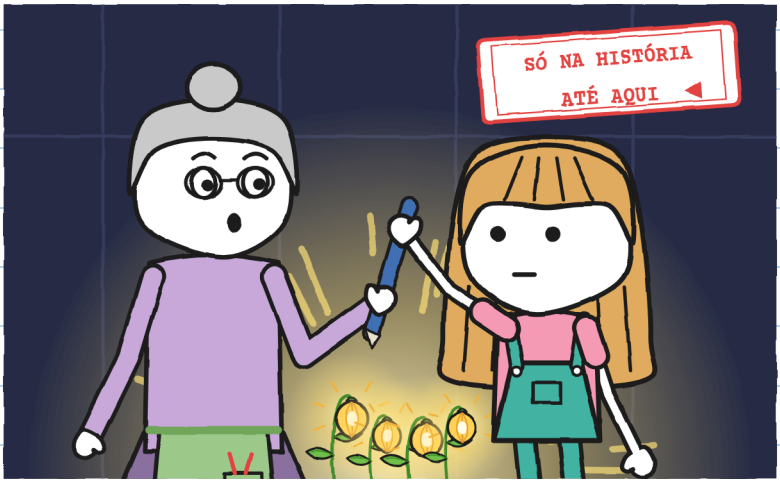
Flora não disse nada por muito tempo. Depois tocou numa das lamparinas com a ponta do dedo, devagar, como quem toca algo que esperou muito tempo.
— Assim era o calçadão — disse.



Eu também toquei numa. A Migalha também. Estava morna, como uma pedra ao sol.

Flora parou a chuva girando a manivela e tirou uma caneta para assinar.
Finalmente.
Júlia deteve a caneta com dois dedos.
— Ainda não.
Ficou olhando as sete lamparinas.

— Falta a oitava. Eu abri o frasco antes da hora. Temos que achar ela.
Depois foi até a cozinha, descolou a etiqueta da caixa e a guardou no bolso da jardineira.



Se vai entregar, entrega inteiro. —].

Voltamos todos para a cozinha.

— O quintal continua fechado — disse Flora. — Ainda não vamos sair.

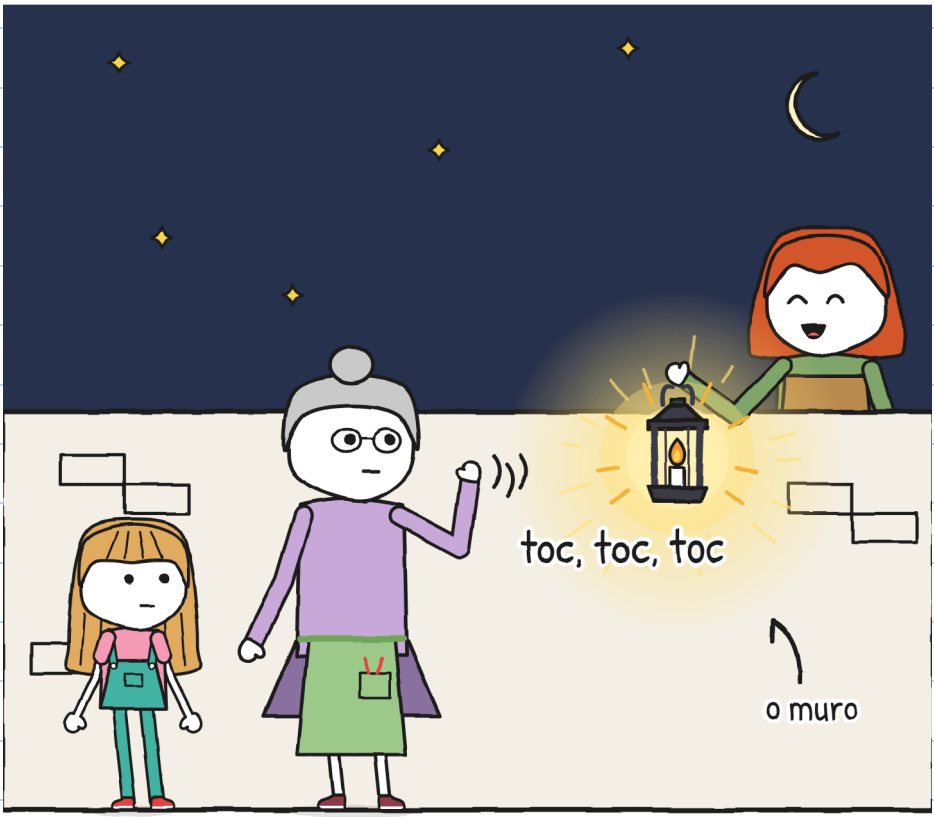
Esperamos até a Júlia ficar sem relâmpagos para contar e depois mais meia hora, desde o último trovão. Já não chovia. A tempestade tinha ido embora.



E a oitava estava lá fora, em algum lugar, no escuro. Se não tivesse achado terra a tempo, estaria dormindo de novo: mais uma pedra. E, sem a assinatura da Flora, ao amanhecer o nº 2 voltaria voando para a estante.

— Vamos procurar a oitava — disse Júlia.

Flora olhou a noite. Depois deu três batidas no muro do quintal, que é a parede da Casa dos Dragões, como a Vera tinha dito.



— Desta vez — disse — vocês não vão sozinhos.

CAPÍTULO 6

A oitava

Saímos com a Flora e a Vera, um lampião e uma bicicleta. Júlia levava o frasco vazio e a etiqueta no bolso da jardineira; eu levava a Migalha na capa de chuva. A cabeça dela saía na altura do meu queixo.

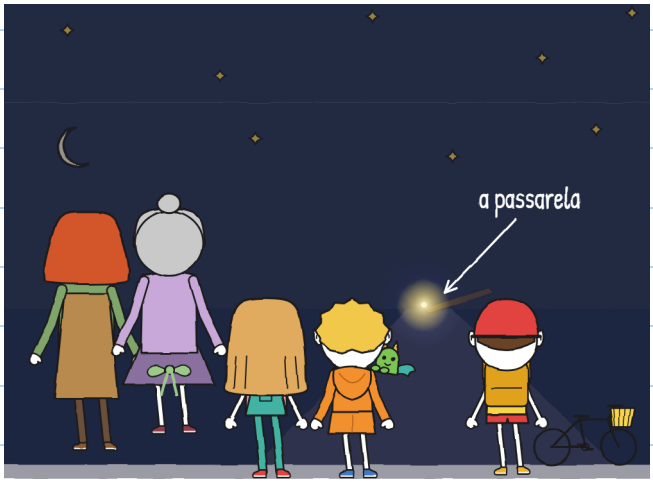
Procuramos no quintal, no caminhozinho, na beira do canal.



Nada. Se a oitava tinha dormido, podia ser qualquer uma daquelas pedras molhadas.

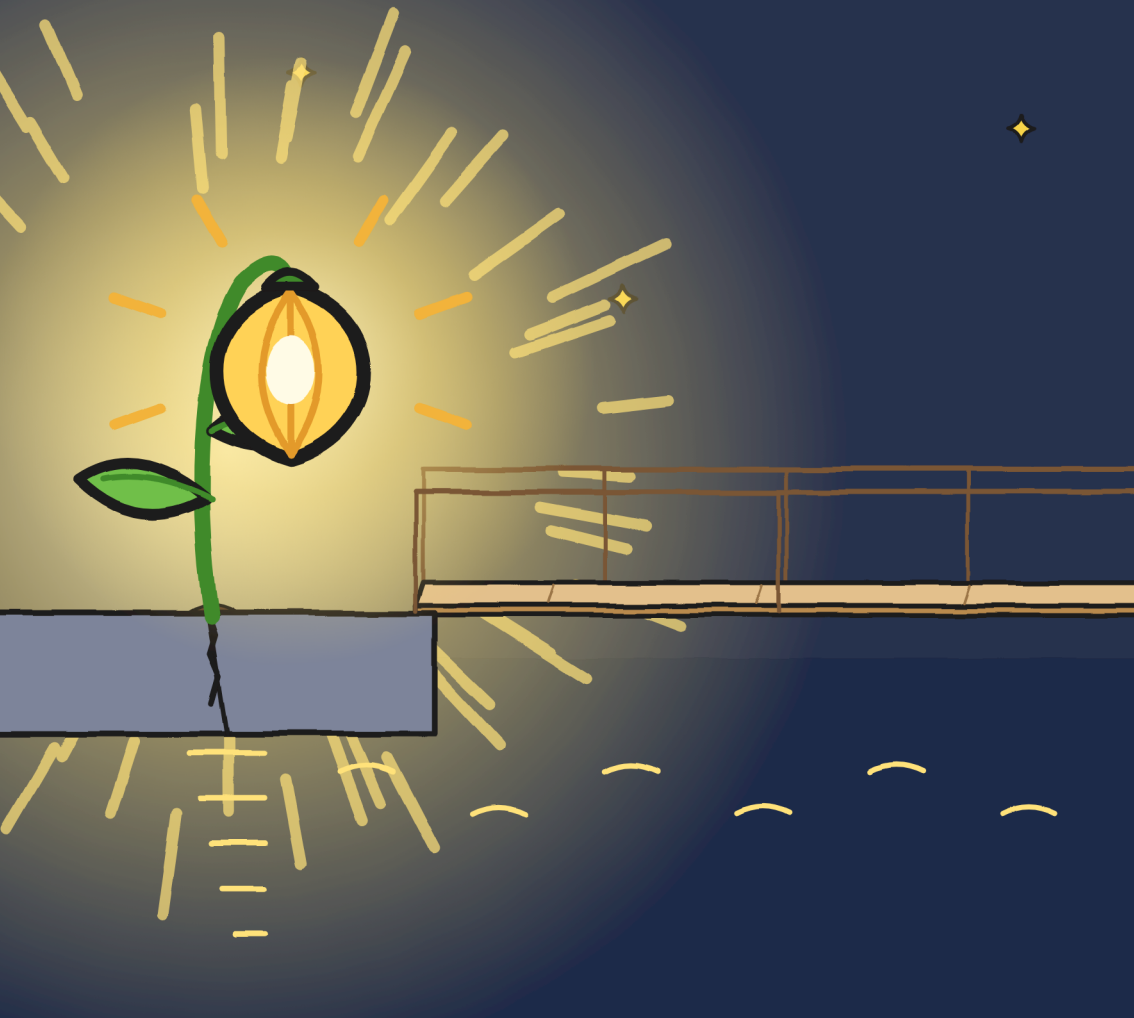
O lampião arrancava reflexos das pedras molhadas. Tantos, que era difícil enxergar entre eles.
Então pensei: uma lamparina recém-brotada brilharia pouco. Estávamos procurando uma luzinha com as nossas três luzes acesas: elas a engoliam.
— Esperem. Apaguem tudo.

Toninho parou a bicicleta, Vera baixou a chama do lampião e Flora apagou a lanterna.
Ficamos parados. No escuro, no fim do calçadão, apareceu uma luzinha.



Ao pé da passarela.

Acho que a chuva arrastou a oitava pelo caminhozinho até o calçadão, e que ela ficou numa fresta entre duas pedras, com um dedo de terra molhada, bem onde começa a passarela. Ali ela se plantou sozinha. De longe, uma luzinha. De perto, iluminava tudo.



Júlia ficou muito tempo olhando a passarela. Com luz, parecia outra: mais curta, mais larga, mais de madeira do que de água.

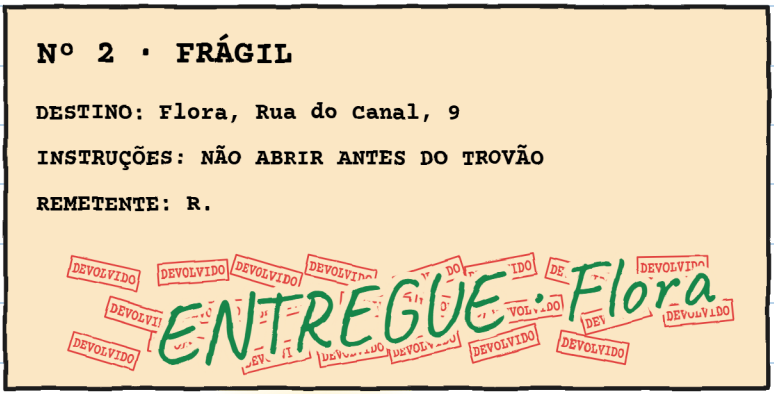
Ela pôs um pé na passarela. Só um. Depois o tirou.

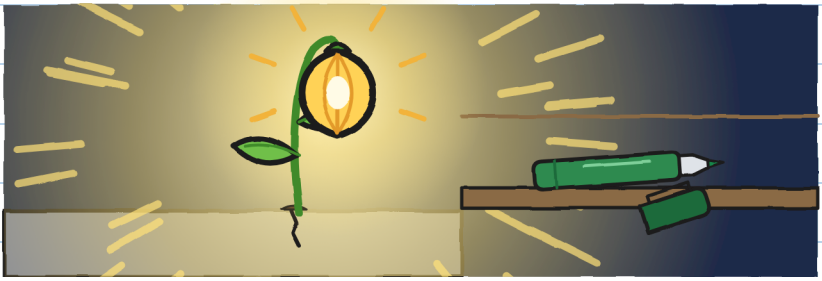


De longe, já não me dá medo. De perto, quase também não. –].

— Essa fica aqui — disse Flora. — Escolheu o lugar.

Júlia deu para ela a etiqueta e a canetinha verde, porque já sabíamos qual tinta não apaga. Flora assinou ali mesmo, à luz da oitava, e devolveu a canetinha.





Na despedida, na porta, Flora me deu o escorredor:
— Fica com ele. Para a próxima tempestade. E diz à Mara que já era hora.

Vera deixou a Migalha no ninho e nos levou até a loja na van dela, com a bicicleta do Toninho atrás, pela ponte da estrada: de noite, a Ponte Grande levanta para os barcos passarem. Ela nos deixou na porta da loja e voltou para os dragões dela.

A loja estava no escuro. Mara não estava no balcão.

Estava embaixo.



— Já passou? — perguntou Mara.
— Faz um bom tempo — disse Júlia.

Manta, abafadores e uma panela de capacete. Vinte e três entregas, nenhuma com tempestade.

Agora eu entendia as "coisas para fazer aqui".
Dei o recado da Flora. Mara baixou a panela até as sobrancelhas.

— Eu também tenho medo de trovão — disse a ela.
Mara levantou a manta sem dizer nada.



Entrei com ela debaixo do balcão. Nos encaixamos.

Mara emborcou uma caixa de entrega junto aos banquinhos, para o Toninho.
— Seu lugar. Por enquanto — disse.

Toninho sentou e, com a canetinha da Júlia, escreveu duas palavras na letra miúda da mochila: "e gatos".



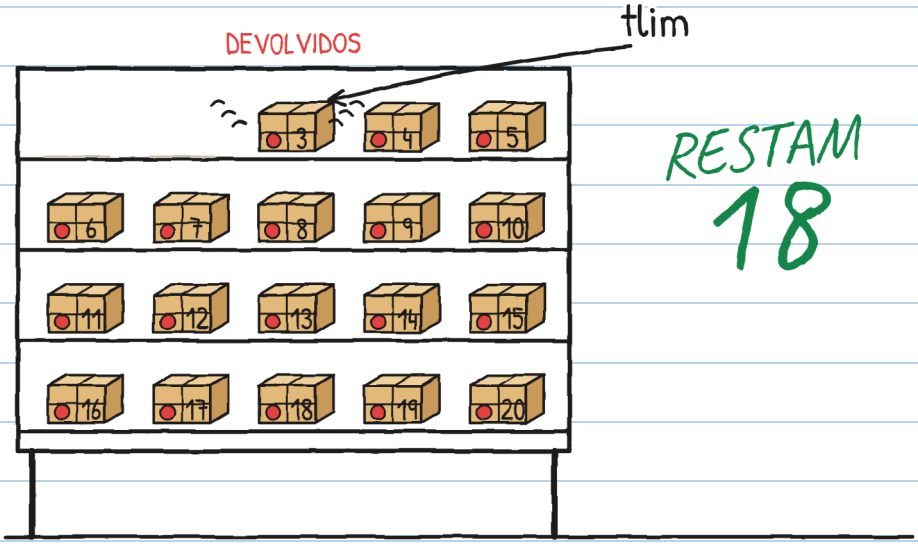
Agora a letra miúda diz a verdade. —].

Consertei o meu plano. Para os trovões:

1. Contar elefantes.
2. Com alguém.
3. Se eu fizer hic, tudo bem.



E não dizer que você é caçador de nada. –J.

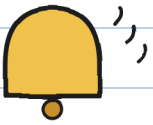


Naquela noite, antes de irmos para casa, um dos devolvidos tocou: tlim. Como um sininho. O nº 3.

Na etiqueta estava escrito:

Nº 3

PARA TONINHOZINHO

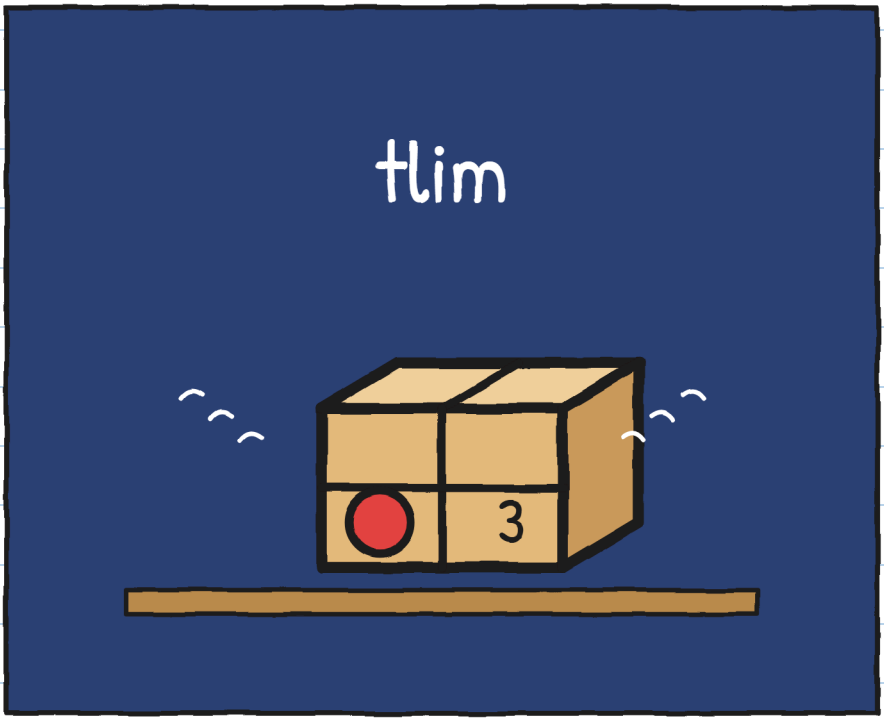


Toninho ficou da cor do capacete dele.



ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

(em breve)



Quem manda pacotes para o Toninho? –J.

O BAIRRO (versão 2)



Tenho uma ficha de R. As duas primeiras pistas são do caderno 1. Anotei as novas:

O QUE SABEMOS DE R.



R.

1. Tem uma letra horrível (Mara).
2. Vera ficou branca ao ler a inicial de R.
3. Plantava lamparinas com a Flora, faz tempo.
4. Cumpre tarde, mas cumpre.
5. Fez os vidros encantados da Flora.

6. Ninguém diz o nome de R. Isso também é uma pista. –].

E você? Quem você acha que é R.?

Eu acho que R. é...

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Tem seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
JÚLIA PEGA A SEMENTE NÚMERO SETE.

TAMANHO XS · A1
Sobrou uma semente no chão. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO S · A2
Outro relâmpago: no chão restava só uma semente. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO M · B1
No relâmpago seguinte, só restava uma semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO L · B2
Quando relampejou outra vez, restava no chão uma única semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. Mesmo temporal. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

TEMPESTADE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Se ouvir um trovão, mesmo longe, entre em casa: o raio já pode chegar até você.
2. Dentro de casa, com um adulto, longe de janelas, portas e vidros. Nada de estufas, pontes, árvores nem água.
3. Não saia até meia hora depois do último trovão.
4. Contar elefantes serve para saber se um raio caiu perto ou longe, e para se acalmar. Não serve para saber quando sair.

CONTE A SUA TEMPESTADE

De dentro de casa: conte elefantes entre o relâmpago e o trovão.

Relâmpago	Elefantes	Quilômetros (1 a cada 3, aprox.)	Esse raio, mais perto ou mais longe?
1	15	5	–
2	9	3	mais perto